

Oficinas de Musicalização em Casas Lares: uma experiência com crianças abrigadas

Cícero Rodarte Mião
cicerorodarte@gmail.com

Resumo

Este artigo descreverá uma experiência que partiu de um projeto de pesquisa-ação, cujo objetivo é o levantamento de possíveis contribuições da música para o desenvolvimento infantil. Dentro desta proposta, são conduzidas oficinas de Musicalização em duas Casas Lares que atendem a oito cidades no interior de Minas Gerais. Será apresentada a proposta inicial e como esta foi sendo modificada de acordo com as necessidades do contexto. Serão exemplificados acontecimentos e situações específicas que levaram a replanejamentos e reformulações das oficinas, lembrando que elas ocorrem no próprio ambiente de abrigo.

Palavras- chave: educação musical, situação de abrigo, musicalização infantil.

Introdução

O presente trabalho visa a descrever a experiência vivenciada em um projeto de pesquisa-ação, cujo objetivo é investigar as contribuições da música para o desenvolvimento infantil. A proposta envolve a condução de oficinas de Musicalização que têm sido desenvolvidas em duas Casas Lares que atendem a uma região de oito cidades do interior de Minas Gerais. A ideia é que vivências musicais planejadas e em grupo possam contribuir para a construção de um ambiente favorável ao desenvolvimento positivo das crianças e dos pré-adolescentes abrigados nesses espaços (LERNER *et al.*, 2005), lembrando que a música, de acordo com Swanwick (2003), é uma forma de linguagem simbólica que, se trabalhada em grupo, pode promover o desenvolvimento individual. Assim, a perspectiva apresentada assume que a música possibilita uma aproximação lúdica e prazerosa das subjetividades dos participantes e se torna um recurso propício para a promoção do desenvolvimento humano nos seus aspectos psicomotores, afetivos, cognitivos e sociais.

Apresentaremos aqui a descrição da metodologia utilizada na introdução e desenvolvimento das atividades de Musicalização nesses abrigos. Descreveremos os dados da proposta inicial e como esta foi se modificando de acordo com as necessidades do contexto. Destacamos que as oficinas são realizadas no próprio abrigo, o que influencia de forma fundamental a elaboração de todo o processo.

O projeto é resultado de uma iniciação científica na qual a proposta inicial consistia em identificar as contribuições da música para o desenvolvimento de crianças e adolescentes participantes de um programa de extensão universitária interdisciplinar que atendia a Casas Lares. Participavam deste o Departamento de Educação Física e o Departamento de Música.

No entanto, o programa interdisciplinar foi cancelado e então propusemos a uma das Casas Lares participantes do projeto, que as oficinas de Musicalização continuassem a ser realizadas no contexto do próprio abrigo. A instituição mostrou interesse e entramos com o pedido de autorização dos responsáveis legais pelos participantes para que as oficinas fossem gravadas utilizando tecnologia de vídeo. Com a autorização deferida, iniciamos as oficinas de Musicalização em uma das Casas Lares no dia 21 de abril de 2012.

O contexto da Casa Lar

A Casa Lar abriga crianças e adolescentes que estão por medida protetiva sob custódia da justiça, retiradas da família por diversos motivos, dentre eles maus-tratos, rejeição, falecimento dos pais, dependência química desses e diversos tipos de abusos. Considera-se que essas crianças e adolescentes estão no abrigo em condição de passagem, ou seja, esperando a família se reestruturar para que elas possam voltar ou, então, uma possível adoção. E, caso nenhum dos dois aconteça, ao completar 18 anos de idade, o indivíduo deixa o abrigo.

Considerando que a experiência do primeiro ano de oficinas foi realizada em apenas uma das casas e o resultado das atividades promovidas satisfatório, a direção da Casa Lar sugeriu que atendêssemos também outra Casa Lar da região. Assim, passamos por um processo de reestruturação da equipe e começamos a atender à segunda Casa Lar em janeiro de 2013.

O ambiente em uma das Casas Lares consiste em: uma pequena quadra, uma área coberta, dois espaços não cobertos, uma lavanderia, uma casa grande, um escritório

e uma pequena sala de estudos. Lá, vivem 26 crianças e adolescentes entre zero e 17 anos de idade. A outra Casa Lar conta com um pequeno parque, uma pequena piscina, uma área coberta, um escritório e uma casa grande. Nessa, vivem 28 crianças e adolescentes entre zero e 17 anos de idade.

Atualmente, atendemos às duas casas e a equipe do projeto é coordenada por uma professora do curso de Psicologia, que conta com a colaboração de uma professora do curso de Música para supervisão. O grupo é formado por três bolsistas de extensão, dois estudantes do curso de Música e um do curso de Psicologia, além de oito estagiários do curso de Psicologia e seis estagiários do curso de Música. Além disso, devido à preocupação com a qualidade didático-pedagógica do trabalho, convidamos uma professora do curso de Pedagogia para supervisionar três estudantes desse curso, que auxiliarão na elaboração e avaliação das atividades.

Os planejamentos e conduções das oficinas de acordo com as especificidades

As oficinas são realizadas aos sábados, no período da tarde, sendo que a cada três sábados de Musicalização acontece uma atividade elaborada pelo grupo da Psicologia. Os dados das oficinas são arquivados em vídeo e essas imagens são restritas, por acordo realizado junto aos responsáveis jurídicos pelas crianças, a dois membros da equipe. As atividades também são registradas por meio de diários de campo, escritos por cada um dos estagiários presentes nas oficinas. Os dados desses relatos são discutidos em reuniões semanais juntamente com o planejamento da oficina seguinte e os textos teóricos que fundamentam a prática.

Em termos musicais, no início utilizamos como base a “Matriz Curricular para o Ensino Fundamental de Música (1ª a 4ª SÉRIE)” (FRANÇA, 2006). Porém, esse modelo foi sendo modificado em função das oficinas que, de acordo com o método de pesquisa-participante, foram sendo contextualizadas.

Educadores musicais, tais como Koellreutter (1977), consideram que o método não é o mais importante no processo de Musicalização. Assim, neste trabalho ressaltamos a importância daquela metodologia que, segundo Demo (1989), visa a um fim, faz parte de um conhecimento crítico e descreve os processos, seus limites e possibilidades. O método é aqui compreendido como o conjunto das ferramentas utilizadas pelo professor que podem e devem ser modificadas de acordo com os objetivos propostos, o que se faz necessário na maioria dos casos. Portanto, o educador

não pode se prender a ele, mas ao que pretende alcançar a partir do que o aluno quer aprender. Nesse sentido, trabalhamos com foco inicial na demanda da criança, e não no conteúdo musical, pois consideramos que sem interesse o aprendizado se torna superficial.

A princípio, foram realizadas atividades que não são consideradas musicais, porém todas foram conduzidas com utilização da música. Essas atividades eram brincadeiras propostas pelos próprios participantes e faziam parte do seu cotidiano, tais como pega-pega, brincadeiras de roda e brincadeira da corrente. O principal objetivo dessas oficinas, que chamamos de Módulo I, foi o estabelecimento de um vínculo entre os educadores musicais e os participantes.

Dessa forma, foi observado que, no decorrer das cinco primeiras oficinas, os participantes foram se ambientando e começaram a participar das atividades propostas. Na primeira, as crianças e adolescentes se comportaram de forma agitada e brigaram umas com as outras. A partir dessas observações, identificamos que esses participantes tinham dificuldade em estabelecer relações com os seus cuidadores devido à instabilidade dos vínculos. Ficou claro que os educadores musicais eram estranhos nesse ambiente e que precisávamos construir uma relação para que as crianças pudessem nos dar sua atenção.

A partir da terceira oficina, foi observada uma mudança progressiva nesse comportamento e os abrigados passaram a prestar mais atenção às orientações, a participar das atividades e a colaborar uns com os outros. Ao longo das atividades, foi estabelecida uma relação de confiança com os educadores musicais. Observou-se a necessidade de falar mais objetivamente às crianças sobre a inserção do nosso grupo na Casa Lar, pois a nossa presença lá ainda não parecia clara para elas, havendo situações em que membros da equipe de musicalização eram chamados de “pai”, além de dificuldades de sair da Casa Lar ao término da oficina, pois nesse momento as crianças abraçavam os educadores e os pediam para que as levassem para casa. Com o esclarecimento sobre nossa presença, houve maior equilíbrio em relação ao vínculo constituído.

Como afirmamos anteriormente, a partir dos pressupostos teóricos de pesquisa-ação descritos por Barbier (2007), o método de pesquisa-ação prevê que o pesquisador participe e influencie as atividades realizadas pelo grupo no contexto da investigação, inserindo-se, dessa forma, enquanto mediador do processo. Contudo, ele participa enquanto mediador do ensino e da aprendizagem e não orienta as atividades apenas a

partir das suas experiências, mas das demandas presentes no grupo. Assim, descreveremos a seguir as modificações ocorridas no planejamento a partir do contato com os participantes, das anotações do diário de campo e de uma reunião semanal que visa à análise e ao replanejamento das ações.

No capítulo “O Rinoceronte em Sala de Aula” do livro *O ouvido pensante*, Schafer (1992) destaca alguns aspectos que permanecem atuais na área de Educação Musical, tais como a visão do papel do professor na sala de aula, que deixaria de ser o detentor do conhecimento e passa a ser um membro do que se torna uma comunidade de aprendizado, e não mais uma aula convencional. Propostas similares a esta também estão presentes em metodologias apresentadas por nomes da Educação Musical como Koellreutter, citado por Brito (2001), mas também em teóricos da educação como Paulo Freire (1959).

De acordo com a proposta, com o decorrer das oficinas, as elaborações das atividades partiam sempre da intervenção anterior, ou seja, a aula de uma semana era o material de reflexão para a realização da aula da semana seguinte. Portanto, a maior contribuição para a elaboração de atividades foi realizada pelas próprias crianças. Assim sendo, mantivemos os objetivos das oficinas, mas não seguimos fielmente os procedimentos propostos na descrição metodológica inicial.

Assim, as atividades musicais foram sendo inseridas gradativamente até ocuparem todo o tempo da oficina. Mostraremos, aqui, um exemplo dessa inserção de conteúdos musicais em atividades praticadas pelos participantes. Na brincadeira da corrente, uma atividade não-musical, realizada desde o primeiro módulo, uma criança começa pegando as outras em um tipo de pique-pega, em que a criança pega passa a andar de mãos dadas com o pegador inicial, e assim sucessivamente, formando uma grande corrente. Percebemos que as crianças sempre gostavam de fazer essa brincadeira no momento inicial de todas as oficinas e, então, a adaptamos para que se tornasse uma atividade musical.

De início, foi composta uma pequena frase musical, que chamamos de A, em tonalidade maior, em que, no final da frase, a letra era a indicação a uma criança para ser pega pelas outras. A pequena canção era tocada ao violão e com voz, e as crianças cantavam junto e acompanhavam com palmas fazendo a pulsação. Depois de indicada a criança que seria pega, fazia-se uma pausa e logo tocávamos um outro tema, instrumental e contrastante com o A, que chamamos de B. As crianças só poderiam

correr atrás da criança indicada no momento em que começasse o B. As crianças que eram pegadas corriam de mãos dadas mantendo a ideia da corrente.

Essa abordagem, ao mesmo tempo em que fortalecia o vínculo entre as crianças e a equipe, apresentava de forma lúdica os conteúdos musicais, como questões rítmicas e de formas, o que possibilitou realizações de outras dinâmicas além das brincadeiras frequentes no cotidiano do contexto. Assim, podemos trabalhar a vivência musical de forma mais abrangente, tendo como base propostas diversas que incluem: Émile-Jacques Dalcroze (FONTERRADA, 2005) e sua metodologia de iniciação musical mediante respostas corporais como modo de vivência musical; as de Edgar Willems sobre o processo de percepção e inteligência auditiva durante a Musicalização (FONTERRADA, 2005); e a visão de comunidade de ensino e de contextualização das atividades de Schafer (1992) e as de Koellreutter (1977), fazendo uma interação entre elas e adaptando-as ao contexto.

Ao longo do primeiro ano de atividades, foram observados e registrados nos diários dos oficinairos não apenas fatores relacionados às oficinas, mas ao contexto do abrigo onde elas foram conduzidas. Nesse sentido, observamos que em um ano de atuação algumas dificuldades foram vivenciadas pela instituição, tais como grande rotatividade de funcionários (monitores), fator que dificulta o estabelecimento de vínculo entre eles e as crianças, condição extremamente necessária à contribuição de um desenvolvimento sadio (LERNER *et al.*, 2005; LERNER, 2007), principalmente neste caso, em que os abrigados apresentam claramente carência afetiva. Segundo Parreira e Justo (2005), estar em situação de abrigamento gera a necessidade de lidar com questões como abandono e falta de referenciais. Significa ter que enfrentar a ausência de uma filiação e mesmo de um lugar próprio onde o sujeito possa reconhecer-se numa história.

Em uma das casas, desde o início das atividades até hoje, dos 12 funcionários com quem tivemos contato, apenas dois estão lá, todos os outros saíram e foram substituídos, inclusive a direção. Observamos também que não existe preparação para a contratação de novos funcionários e que muitos estão lá “*por necessidade de trabalhar e não por vocação*” (em entrevista com a diretora da casa), ou até mesmo em cumprimento de pena por meio de serviços sociais.

Além da rotatividade de funcionários, acontece também a de crianças, lembrando que estão lá em situação de passagem, o que influencia o processo de aprendizagem musical, uma vez que entra e sai criança com frequência. Assim, utilizamos o trabalho, de forma que eles aprendiam com o próprio grupo, baseados em

Vygotsky (2008), e colocamos as crianças que já vivenciaram os conteúdos para ajudar aquelas que ainda não tiveram tal oportunidade.

Com relação à alternância de funcionários, podemos destacar um caso que aconteceu em janeiro de 2013, quando ocorreu uma mudança na direção da casa. A diretoria, que até então estava à frente da instituição, tinha uma postura mais rígida e percebemos que as crianças, durante as oficinas, apresentavam um comportamento de necessidade de se expressar talvez por falta disso no cotidiano. Com a mudança, a postura da nova direção permitiu maior liberdade às crianças. Porém, elas tiveram uma mudança acentuada de comportamento nesse período e ocorreram relatos de dificuldades com os adolescentes na relação com os monitores. Nas oficinas, os participantes se apresentavam agitados e demonstraram desinteresse pelas propostas, fator que gerou a necessidade de uma nova reformulação das atividades.

Optamos por fazer as oficinas mais temáticas, com um tema inicial, a partir de histórias fantasiosas, e com um objetivo final. Planejamos os conteúdos musicais que queríamos trabalhar a partir de uma história, cujo desenrolar ficava por conta das crianças, fator que exige necessidade de improviso do educador.

Essa proposta teve o melhor resultado já alcançado nas oficinas. Desde então, todas as oficinas são temáticas, inclusive o coral, que estamos formando, e a introdução a conceitos musicais.

Para exemplificar, em uma das oficinas, elaboramos uma história (à qual ainda estamos dando continuidade) sobre a “família dos Zés”. Começamos apresentando o “Zé Calado” (pausa de semínima), o “Senhor Tempo” (correspondendo ao pulso), o “Zé Peção” (semínima), vivenciamos bastante esses dois signos e, posteriormente, o “Zé Branquinho” (mínima). Cada um com suas características específicas e já sendo apresentados de acordo com a grafia musical, porém não abordados na pauta e nem com seus nomes em termos musicais.

Em outra das oficinas, a equipe entrou na casa com suas bocas amordaçadas e com um cartaz informando que estávamos “enfeitiçados por uma bruxa” e não poderíamos falar naquele dia, a não ser que eles fizessem colcheias em palmas, marcassem o pulso no pé e fossem andando de um lado a outro na casa todos juntos.

O elemento colcheia, com o nome de “Zé Tí-que”, até então era novo e eles não sabiam como fazer. Levamos algumas dicas escritas em cartazes a partir das referências que eles já haviam vivenciado (Zé Calado, Senhor Tempo, Zé Peção e Zé Branquinho). A faixa etária das crianças que normalmente participam é entre quatro e dez anos,

lembrando que a participação nas oficinas é voluntária; portanto, nem todos os abrigados participam. As que sabiam ler explicaram para as outras o desafio. Algumas entenderam o conceito e conseguiram fazer, sendo estimuladas a ajudarem os outros a aprender. Em 15 minutos, todos os 16 participantes daquele dia estavam fazendo o que havia sido proposto sem os educadores dizerem nenhuma palavra. Assim, cumpriram o desafio e nos “libertaram da maldição da bruxa”.

Conclusão

Por meio do método de pesquisa-ação, pudemos assumir uma proposta metodológica de Educação Musical baseada em teóricos como Beyer (1999) e França (2006) e modificar as atividades de acordo com a demanda das crianças. Nesse sentido, as vivências lúdicas de atividades que incluem a música têm permitido observar o desenvolvimento de aspectos como ritmo, pulsação, caráter expressivo e dinâmico, trazendo os princípios da Educação Musical para vivências físicas e sensoriais, além do desenvolvimento individual dos participantes.

Esperamos que, com o decorrer das oficinas, possamos colaborar para o desenvolvimento das crianças abrigadas na Casa Lar, o que será analisado por meio dos dados coletados em vídeo e entrevistas com as crianças e com os cuidadores. Acreditamos que isso se refletirá em uma melhor convivência no meio em que os participantes desta pesquisa-ação vivem e a possibilidade de lidar melhor com as questões emocionais e afetivas da situação em que se encontram. Além disso, pretendemos contribuir para uma reflexão prática e acadêmica sobre a situação de abrigo e a utilização da música como instrumento de mudança social.

Referências

BARBIER, René. *A Pesquisa-Ação*. Brasília: Líber Livro, 2007.

BEYER, Esther. Fazer ou entender música? In: _____ (Ed.). *Idéias em Educação*. Cadernos de Autoria. Porto Alegre: Mediação, 1999. p. 9-31.

BRITO, Teca Alencar de. *Koellreutter educador: o humano como objetivo da educação musical*. São Paulo: Fundação Peirópolis, 2001.

DEMO, Pedro. *Metodologia científica em ciências sociais*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1989.

FONTEERRADA, M. T. O. De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação. *Métodos Ativos*, São Paulo: Ed. UNESP, v. 1, p. 107-189, 2005.

FRANÇA, Cecília. “Do discurso ‘utópico’ ao ‘deliberativo’: fundamentos, currículo e formação de professores para o ensino fundamental de música”. *Revista da Abem*, n. 15, p. 67-79, 2006.

FREIRE, Paulo. *Educação e Atualidade Brasileira*. Tese de Concurso para a Cadeira de História e Educação. Escola de Belas Artes de Pernambuco, Recife, 1959.

LERNER, Richard M. *The good teen*. Rescuing adolescence from the myths of the storm and stress years. USA: A Stonesong Press Book, 2007.

_____; LERNER, Jaqueline V.; ALMERIGI, Jason B. E.; THEOKAS, Christina. Positive youth development: A view of the issues. *Journal of Early Adolescence*, v. 25, n. 1, p. 10-16, 2005.

KOELLREUTTER, Hans Joachin. *O ensino da Música num mundo modificado*. In: Anais do I Simpósio Internacional de Compositores. São Bernardo do Campo, 1977. Disponível em: <<http://www.latinoamerica-musica.net/ensenanza/koell-ensino-po.html>>. Acesso em: 11 nov. 2012.

PARREIRA, S. M. C. P.; JUSTO, J. S. A criança abrigada: considerações acerca do sentido da filiação. *Psicologia em Estudo*, v. 10, n. 2, p. 175-180, 2005.

ROCHA, Carmen Maria Mettig. *Educação Musical “Método Willems”*: Minha Experiência Pessoal. Salvador: Faculdade de Educação da Bahia, 1990.

SCHAFER, R. Murray. *O Ouvido Pensante, O Rinoceronte em Sala de Aula*. São Paulo: Ed. da Unesp, 1992.

SWANWICK, Keith. *Ensinando música musicalmente*. São Paulo: Moderna, 2003.

VYGOTSKY, L. *Pensamento e Linguagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.